

manter a infra-estrutura que permite às empresas multinacionais operar no país em boas condições, o fornecimento de alguns insumos básicos, e a missão legislativa de proteger os investimentos estrangeiros e, como coroamento, assegurar um clima de “ordem”, em que seja possível extrair do trabalho tudo o que ele pode proporcionar, sem o risco de protestos e de reivindicações.

Que metas alcançou, até agora — além dos índices altos de “desenvolvimento” — o citado modelo? Não muito importante, por certo. O PNB brasileiro, apresentado como em extraordinária expansão, é pouco mais que o do México, que dispõe da metade da nossa população; *per capita*, ele é inferior aos da Argentina, Venezuela, México, Chile, Uruguai e Peru, e pouco superior ao da Guatemala e ao da Nicarágua; a participação do Brasil no comércio mundial não chega a 1% do total, nem a 20% do total da América Latina; a exportação de Formosa é quase o dobro da exportação brasileira; nosso índice de alfabetização se equipara aos da Colômbia, Equador, Paraguai, Peru e República Dominicana, e está bem abaixo do da Argentina, do Uruguai e do Chile; o peso da indústria de transformação, no Brasil, no PNB, é equivalente aos do Peru e do Uruguai, e bem inferior aos da Argentina, México e Chile, e pouco superior aos da Colômbia, Paraguai e El Salvador.

Para alguns dos mais destacados analistas do pretenso “milagre”, os altos índices de desenvolvimento apontados como devidos ao modelo adotado foram alcançados pelo aproveitamento da capacidade ociosa da indústria, de um lado, e pela compressão salarial, de outro. “O melhor aproveitamento dessa capacidade ociosa é que permitiu acelerar o ritmo de crescimento do produto, sem que se fizesse necessário um esforço inversionista paralelo” — esclareceu Fernando Magalhães, no Chile.²² “A atual expansão econômica não só tem raízes no prévio declínio cíclico, como dele derivou seu ímpeto”, escreve Albert Fishlow, nos Estados Unidos. E detalha: “Somente devido à prévia criação de um excesso de capacidade produtiva foi possível à economia brasileira experimentar as elevadas taxas de crescimento do passado recente com uma taxa de poupança relativamente reduzida. Estimativas recentes sugerem, para o Brasil, uma taxa de poupança não superior a um quinto, consideravelmente distante de um terço da renda poupada pelos japoneses, por exemplo. A composição dos recentes incrementos do produto industrial é

²² Fernando Magalhães: *art. cit.*